

Tenente-coronel do Exército, Renata Netto é indicada a prêmio da ONU por atuação em campo de refugiados no Sudão do Sul. No total, país tem 11 mulheres militares trabalhando em missões de paz pelo mundo



Priscilla Farias, 36 anos, é oficial de assuntos civis na República Democrática do Congo

Engenheira militar, entrou para as Forças Armadas em 2011. "Vejo que existe uma recepção melhor da população quando há uma mulher nas patrulhas realizadas. Ainda mais aqui, onde há um quadro grande de violência sexual contra as mulheres e desigualdade quanto à sua participação em funções importantes da sociedade."



Bianca Zary, 42 anos, é observadora militar no Saara Ocidental

Trabalha em uma região chamada Mijek, no meio do deserto, com cerca de 10 militares de diferentes nacionalidades. "Por sermos poucas pessoas e por trabalharmos isolados de qualquer vila ou comunidade, consigo perceber o quanto o brasileiro é agregador. E consigo me enxergar refletindo, em diversos momentos do meu trabalho, essa característica tão marcante do nosso povo brasileiro."



Cyntia Adames, 46 anos, é observadora militar no Sudão do Sul

Também dentista, trabalhou em Brasília e no Rio de Janeiro em ações cívico-sociais com atendimento à população. "Nesse contato com a população mais carente que surgiu o meu interesse em participar dessa missão na ONU e tentar fazer o meu melhor para ajudar esse povo que tanto necessita."



Heloisa Pinheiro, 41 anos, é oficial de Estado-Maior no Saara Ocidental

Engenheira, é casada com um militar que já atuou em operações de paz, o que já inspirou na carreira. "As missões de paz da ONU estão concentradas na África, em países de maioria muçulmana, em locais com muitos casos de violência contra a mulher e desigualdade de gênero. Nossa intenção nunca é mudar uma cultura, mas para as mulheres desses países, somos percebidas como uma referência."



Juliana Bertol, 43 anos, é observadora militar na República Centro Africana

Advogada, entrou para o Exército em 2006. "As mulheres se sentem mais à vontade para conversar com outra mulher, e isso é importante para obter informações, especialmente relativas à violência sexual relacionada ao conflito armado e à outras formas de violência contra mulheres e crianças."



Michele Oliveira, 45 anos, é oficial de Estado-Maior na República Centro Africana

Formada em direito, atuou por 20 anos na assessoria jurídica do Exército. "Decidi tentar algo novo e o ambiente da ONU me pareceu bastante desafiador." Para ela, uma das maiores dificuldades da missão é a alta rotatividade do contingente, que sempre trabalha com poucos militares.



Virlane Portela, 46 anos, é oficial de Estado-Maior na República Centro Africana

Formada em letras/português e inglês, atua como tradutora e revisora. "Quando você é jovem, você faz projeções e tem expectativas sobre sua vida. Eu, desde a adolescência, desejei poder realizar um trabalho com alcance diferenciado, especialmente de natureza internacional, e poder fazer isso hoje me realiza."



Vivieni Freitas, 42 anos, é oficial de Estado-Maior no Sudão do Sul

Advogada, entrou para os quadros do Exército em 2005. "Os desafios são muitos, mas, para mim, são principalmente a distância da família, a adaptação ao país e à cultura de uma nova organização, além do desafio de desempenhar o trabalho em outra língua. Conviver e tentar entender culturas e formas de viver tão distintas é desafiador."



Ivana Costa, 55 anos, é oficial de Estado-Maior no QG da ONU em Nova York

Formada em letras, trabalhou por 12 anos na Divisão de Missão de Paz do Comando de Operações Terrestres. Tem especialização na agenda Mulheres, Paz e Segurança, em prevenção de abuso e exploração sexual, violência de gênero relacionada a conflitos e proteção de crianças. Participou como parte do contingente brasileiro no Haiti em 2013 e 2015.



Marisa Mattos, 50 anos, é observadora militar no Sudão do Sul

Farmacêutica de formação, se voluntariou para missão de paz em 2017. "Essa foi a oportunidade de aplicar todos os meus conhecimentos de formação civil e militar, representando o Brasil em uma missão humanitária junto a populações extremamente vulneráveis, sendo uma experiência única e uma honra pessoal e profissional sem igual."

Celebração

A tenente-coronel Renata esteve presente, entre outros convidados, no seminário "Peacekeepers brasileiras: destaques do Brasil na implementação da agenda sobre Mulheres, Paz e Segurança", realizado pelo Comando de Operações Terrestres e pela Rede Brasileira de Operações de Paz, nesta semana, no Quartel-General do Exército, em Brasília. O evento celebrou e discutiu o papel de mulheres

militares brasileiras que atuam em operações de paz das Nações Unidas.

Atualmente, o Brasil conta com 10 mulheres nesses campos, distribuídas no Saara Ocidental, na República Democrática do Congo, no Sudão do Sul e na República Centro Africana, além de uma oficial atuando com o tema no escritório central da ONU. O envio dessas profissionais segue agenda do organismo internacional para promover o aumento gradual do

efetivo feminino por parte dos países participantes no envio de militares.

O Brasil, como membro fundador da Organização das Nações Unidas, pode enviar pessoal para missões individuais ou de tropa para compor o componente militar das missões de paz. A participação do Brasil em operações desse tipo ocorre por decisão do governo e, para o envio de tropas, com a aprovação do Congresso Nacional.

O Exército prepara os militares

designados para esse trabalho, tanto das três Forças como das Polícias Militares, por intermédio do Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil (CCOPAB), sediado no Rio de Janeiro. No Centro, eles realizam cursos sobre o Sistema ONU, as técnicas, táticas e procedimentos utilizados em operações de paz e também de idiomas. Simultaneamente, os profissionais passam por uma preparação envolvendo aspectos de saúde física e preparo psicológico.